

Lula decreta o fim do mau humor na campanha do PT

Orientação é reviver o 'Sem medo de ser feliz', de 89, e em vez de se concentrar em críticas, apresentar propostas alternativas

Roberto Stuckert Filho



LULA: "JÁ avisei a todo mundo que está proibido o mau humor na campanha"

Helena Chagas

• BRASÍLIA. O candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, tomou uma decisão de campanha: decretou o fim do mau humor. O Lula, que passou os últimos meses às voltas com dúvidas em relação a ser ou não candidato e enfrenta complicadas negociações com o PDT e o PSB, quer tirar da candidatura qualquer vestígio de baixo astral. O PT quer começar a campanha levando à prática o slogan de 89 — o "sem medo de ser feliz".

Em vez de críticas, propostas para gerar empregos

Em conversa com jornalistas, o candidato disse que não vai falar mal do adversário Fernando Henrique Cardoso na campanha e nem criticar o desemprego. Promete, sim, apresentar propostas para geração de empregos e de mudanças no sistema que, segundo ele, gerou instabilidade social em nome da manutenção da estabilidade econômica. Lula justificou suas alianças com pragmatis-

mo, fez elogios a Leonel Brizola e criticou as exigências do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que em sua opinião deve rever suas estratégias.

— Já avisei a todo mundo no PT: está proibido o mau humor na campanha — disse Lula.

Lula reconheceu a dimensão e elogiou a importância do MST, mas admitiu que o movimento às vezes exagera nas reivindicações e na intransigência. Ele recomendou que, depois do protesto de ontem pelos dois anos do massacre de Eldorado dos Carajás, o MST trace uma nova estratégia.

— Sugeri ao Stédile que desafiasse o Governo a assentar as 40 mil pessoas que estão vivendo à beira de estradas. Mas eles insistiram em que o Governo assentasse 200 mil, uma meta impossível. O resultado é que não assentou nem 40 nem 200 — disse.

Lula não escondeu a satisfação por ter acertado a presença em seu palanque da ex-sem-terra Débora Rodrigues, que rompeu com o MST. Mas ele lamentou estar com a movimentação tolhida nos

estados em que não conseguiu ainda fechar aliança com o PDT ou o PSB. No Rio, por exemplo, onde no próximo fim de semana terá lugar a convenção estadual que escolherá o candidato do PT ao Governo — e o ex-deputado Vladimir Palmeira pode ser o escolhido — Lula resolveu não ir por enquanto. Mas garantiu que tem confiança de que o problema será resolvido tanto no Rio como em Pernambuco, onde espera que seu grupo vença as convenções e o PT apóie Anthony Garotinho e Miguel Arraes.

— Quero resolver logo o problema do Rio e sair com o Brizola fazendo campanha na Baixada Fluminense. Depois, quero levar o Brizola e a Marta Suplicy numa fábrica de São Paulo — disse.

Na política de alianças, a defesa do pragmatismo

Lula justificou as alianças com pragmatismo. Disse que o apoio à reeleição de Arraes é necessário para montar seu palanque em Pernambuco. Ele se propõe a ajudar Arraes em Recife e ser ajuda-

do por ele no Sertão. Lula admite até apoiar a candidatura do ex-governador pefelista da Bahia João Durval, hoje no PDT.

— Podemos fazer alianças sem nos prostituir — disse Lula.

De forma diferente de 1994, ele não vai bater no Plano Real, mas sim na era pós-Real. Defenderá a mudança do modelo econômico, defendendo investimentos estatais na geração de empregos. Segundo Lula, apenas 1% dos R\$ 5 bilhões que o BNDES teve para investimentos foram destinados a pequenas e microempresas. Ele quer criar um programa para dar empregos a jovens e a recém-formados, que estão hoje sem perspectiva. Ele mesmo tem dois filhos na universidade que não têm qualquer garantia de trabalho. E acha que, se está havendo desemprego na indústria, podem ser criados empregos em outros setores, como o de serviços, o de turismo ou o agrícola.

— Essa política de segurar a estabilidade econômica a qualquer custo provocou uma enorme instabilidade social — disse. ■